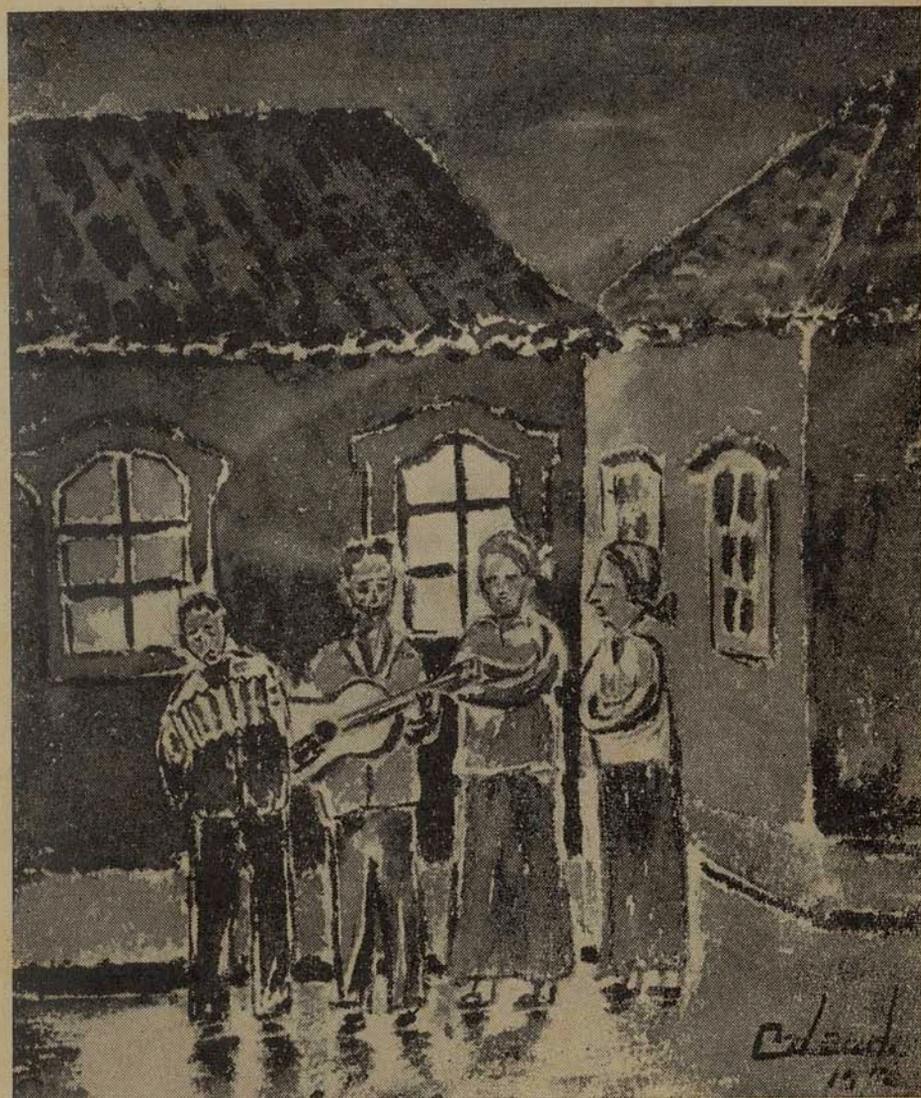


INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA
ESTADO DE SANTA CATARINA



O TERNO DE REIS NO FOLCLORE CATARINENSE

Osw
Alm
Alt
Alv
Art
Ant
Aro
Aro
Ben
Car
Car
Cus
Dor
Elp
Hen
Hen
Her
Ild
Joa
Joa
Joa
Jos
Mar
Man
Osv
Oth
Pli
Ped
Rob
Vic
Wil
Wal

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC	
SISTEMA	
Clas.:	—
Reg.:	073
Data:	12.06.96

O TERNO DE REIS NO FOLCLORE CATARINENSE

por

OSVALDO FERREIRA DE MELO (filho)

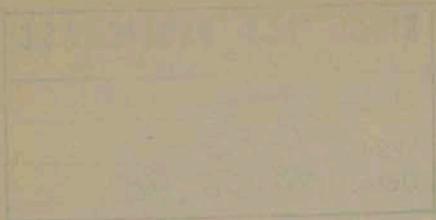
Chefe da Secção de Publicidade do DEE

e

Membro da Sub-Comissão Catarinense de Folclore

Í N D I C E

	Pag.
Apresentação	3
Introdução	5
O Ciclo de Natal e O Terno de Reis	7
Pelo Interior	11
A Música e os Versos	14



O TEMPO DE NER NO FOICIGRE BATAINEXER

INSTITUTO PERSENER DE NER (tipo)

Estado de NER de Publicidade de NER

Revista de Subcomissão Examinadora de NER

INDEXE

pag.

Osw
Alm
Alt
Alv
Art
Ant
Aro
Aro
Ben
Car
Car
Cus
Dor
Elp
Hen
Hen
Her
Ild
Joa
Joa
Joa
Jos
Mar
Man
Osv
Oth
Pli
Ped
Rob
Vic
Wil
Wal

8
8
9
11
14

APRESENTAÇÃO

Em continuação à série C, divulgativa de aspectos culturais catarinenses, o DEE edita mais um estudo folclórico. O interêsse despertado pela publicação anterior "O Boi de Mamão no Folclore Catarinense" justifica o empenho de colaboração com a Sub-Comissão Catarinense de Folclore, representante regional da UNESCO, órgão cultural das Nações Unidas.

ROBERTO LACERDA

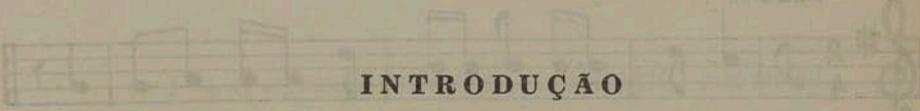
Diretor-Geral

APRESENTAÇÃO

Em continuação à série C, designada de aspectos culturais e artísticos, a DNE edita mais um estudo folclórico. O interesse despertado pela publicação anterior "O Folclore de São Paulo" levou a DNE a publicar o presente trabalho, mas no "Folclore Catarinense", justifica o interesse de colar a região com a Sub-Comissão Catarinense de Folclore, representada pelo Conselho Regional de Folclore, criado em 1964, e a Comissão de Folclore da UNESCO, criada em 1968, e a Comissão de Folclore da UNESCO, criada em 1968, e a Comissão de Folclore da UNESCO, criada em 1968.

ROBERTO LACERDA

Diretor-Geral



INTRODUÇÃO

Movidos pelo mesmo interesse de estudar e divulgar, em seus aspectos mais vivos, a demologia catarinense, o que nos levou à publicação, em 1948, do primeiro e modesto ensaio sobre os autos populares de Santa Catarina (1), paramos o olhar em meio a êsse acêrvo de tradições, que vai lentamente desaparecendo por influencia da vida e dos costumes dêste fim de século, a fim de abstrairmos, para um breve estudo, um dos festejos que mais de perto tocaram a sensibilidade do nosso povo. Penetremos no ciclo das festas folclóricas de fim de ano e trataremos, assim, dos ternos de reis.

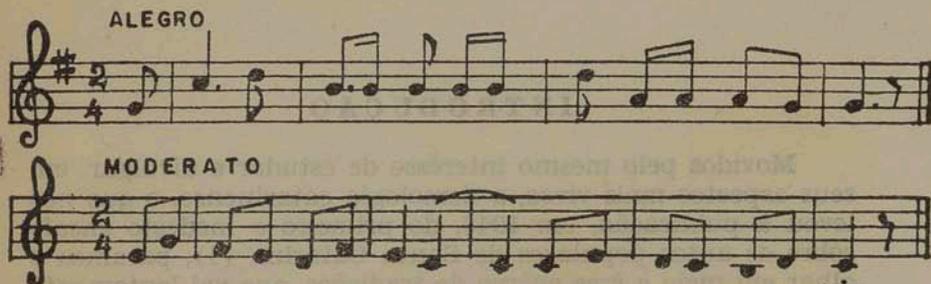
Em Santa Catarina, mau grado de sua acentuada tendência para o desaparecimento, o "terno" é ainda encontrado por todo o litoral (2). Menos coreográfico que os Cacumbis, o Boi de Mamão, a Folia do Divino, etc. nele se ressalta, entretanto, um sincretismo da música folclórica do Sul. Aquí, êle é música, por excelência.

Se nas cantigas dos autos-bailados, onde o centro de interesse são as encenações, as danças etc., decorre acentuada pobreza melódica, a par de um ritmo exuberante, nos ternos de reis, cujas origens formadoras parecem-nos menos complexas, a música entra em função direta de todo o festejo, como elemento absoluto, havendo maior cuidado com o canto (3). Daí, encontrarem-se muita vez temas belíssimos nessas cantigas.

Para ilustrarmos esta afirmação, transcreveremos dois trechos musicais, colhidos o primeiro em uma dança do "boi

- (1) — "O Boi de Mamão no folclore Catarinense". N. 1 da série C das publicações do DEE.
- (2) — Como já tivemos ocasião de evidenciar, em trecho do trabalho acima citado, nas zonas de colonização estrangeira e no planalto e na serra, não se conhecem êsses autos populares.
- (3) — Nos ternos de reis não se notam sincretismo nem estratificação de elementos étnicos, como no auto do Boi de Mamão. Em suas células rítmicas não aparece a sincopa; seus desenhos melódicos, bem simples, às vezes lembram um acalanto, vezes outras o canto-chão ou, ainda, canções infantis. Não há vestígios totêmicos. São apenas lóas entoadas em homenagem a datas cristãs, num estilo musical bem português.

de mamão” e o outro em um terno de reis. Note-se a diferença acentuada entre os desenhos melódicos e rítmicos, embora se veja, em ambos, a mesma tessitura pobre, característica dos cantos populares.



Mesmo, pois, sem os atrativos coreográficos comuns às festas populares do Sul, o “terno” caiu no gosto popular. Podemos dizer que êle representa o espírito religioso, embora alegre, do nosso praieiro que, a pretextos firmados nas datas máximas da cristandade, organiza os pequenos séquitos, com que visita as casas amigas, levando-lhes a saudação singela.

Constitue-se assim, um aspécto da sociologia catarinense e daí o interêsse do Departamento Estadual de Estatística em divulgá-lo. Por iniciativa da Divisão de Publicidade e Informações, foram realizadas duas pesquisas, sendo uma no Continente, com a colaboração do Sr. Almiro Caldeira de Andrade, paciente pesquisador do folclore catarinense, e outra em o Norte da Ilha de Santa Catarina, onde foi colhida, “in loco”, parte do material que aqui se divulga.

Lançando, pois, êste ensaio, cumpre-nos ressaltar que, movendo-nos o interêsse único de fazer divulgação de um dos aspectos mais interessantes de nosso folclore, ainda em fase inicial de estudos, evitamos, sempre que possível, expender opiniões próprias, só o fazendo quando obrigados pela necessidade de trazer à luz um ponto qualquer, que embora importante até hoje passava despercebido pelos estudiosos.

I — O CICLO DE NATAL E O TERNO DE REIS

Acompanham a história dos povos as festas tradicionais, com que o homem achou maneira de louvar a natureza, os deuses, os tabus e os totens. Sòmente com a cristianização do Mundo Ocidental desapareceram as celebrações pagãs do solstício de verão e do solstício de inverno, e muitas outras em que se cultuavam o Fogo, o Sol etc.

Com um motivo mais forte onde assentar os seus impulsos místicos, acumulados por séculos, os povos cristianizados louvaram Aquele que viera salvar Humanidade e, com Êle, os Seus Apóstolos, adaptando à sua formação cultural, os impulsos gerados do sub-consciente coletivo.

As celebrações de Natal, do Ano Novo, de Reis e dos grandes Santos da Igreja, cedo integraram o folclore dos povos tornados cristãos.

Em Portugal, dada a sensibilidade de seu povo, tais celebrações tomaram formas belíssimas. Surgiram os reisados, os pastoris, as janeiras, as luzitanas etc., logo espalhadas pelas colônias, indo até Madeira e Açores.

A respeito nos diz Renato Almeida, na sua grande obra "História da Música Brasileira".

"As festas de Reis são ainda populares no Norte, embora sem a influência de outros tempos. Elas nos vieram de Portugal, onde tiveram sempre grande voga. No Cabo-Verde há o hábito de pedir o Reis (Nhô fulano, dá-me o Reis?). Na Ilha de Madeira, visitam-se lapinhas em ternos, bem como nos Açores".

Como documentário importante transcrevemos um trecho de uma carta que nos enviou o professor Carreiro da Costa, membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, atendendo a uma consulta sôbre a existência desse costume no Arquipélago Açoriano.

"De u'a maneira geral, em todos os Açores, celebram-se os Reis Magos, não só dentro dos templos com as comemorações litúrgicas da Epifania, mas também com cânticos festivos pelas ruas, na noite de 5 para 6 de janeiro — sendo esta última tradição conhecida pelo

designativo de "Cantar aos Reis". É uma tradição presentemente traduzida numa simples mas animada serenata, em que um numeroso grupo de cantadores e de tocadores de viola, guitarra, ferrinhos, realejos, tambor e por vezes flauta, anda de casa em casa, pelo povoado além, saudando parentes e amigos com cantigas alusivas aos Reis Magos, mas pedindo-lhes oferendas para um jantar que, geralmente, promovem no dia seguinte".

Vindos pois, das Ilhas e da Península portuguesas, com os descobridores, com os jesuitas e os colonizadores, tais festejos logo se popularizaram no Brasil, tomando formas diversas de região para região.

Em Santa Catarina, chamam-se **ternos de reis** pequenos cortejos tradicionais, que, pela época das festas religiosas de fim de ano, faz um grupo de quatro a oito pessoas, de ambos os sexos, entoando lóas sentimentais.

Essa denominação "terno de reis", muito pouco encontrada nas descrições das festas populares do ciclo de Natal, que se realizam noutros Estados, parece-nos que vem de longe, sem que, no entanto, possamos registar quando foi inicialmente veiculada entre nós.

Graças à gentileza do ilustre estudioso Dr. Oswaldo R. Cabral, secretário-geral da Sub-Comissão de Folclore em Santa Catarina, conseguimos, de seu arquivo particular, uma crônica assinada por Hebdomadário, e publicada no "O Mensageiro", que se editava na antiga Desterro, referentemente às festas de reis de há um século. A crônica, datada de 9-I-1856, e que vai aqui reproduzida, faz referência ao termo que ainda hoje perdura:

"As danças pastoris, e todas as outras singelas diversões, usadas pelo povo neste período natalense, continuarão amenas, e se reproduzirão n'aquelle dia, e hoje, bem aprasíveis para muitos embora não para todos nem de todo inocentes, por algumas pequenas inconveniências que fomentão as liberdades de saturno modificadas a moderna.

Além disso, hoje tivemos uma aprasível noite de vespera de Reis, em que alguns agradáveis TERNOS percorrerão as ruas, e alegrarão as habitações acordando os silentes e socegados echos com as doces harmonias, e melodosos cantos comemorativos das celestiais hosannas que saudarão em seu humilíssimo berço o Divino Salvador e Regenerador da humanidade aflita e despenhada nos abismos da idolatria e do paganismo; recordando também as saudações dos ingênuos pastores de Bethléem, as homenagens e ofertas dos Magnos Reis do Oriente, e produzindo finalmente uma geral exaltação nos ânimos de nossos habitantes, principalmente dos jovens e das bellas, que números compactos e bullçosos grupos davão o espetáculo vivo e agradável de um movimento e agitação desusada em nossa pacífica cidade"

Hoje, êsses festejos perderam a sua significação místico-religiosa, reduzindo-se a uma forma simples.

Há os “ternos” feitos por crianças e por adultos. Nestes últimos raramente cantam elementos do sexo masculino; a “cantoria” fica a cargo das “cantadeiras”, cabendo aos homens a tarefa de fazer o acompanhamento com os instrumentos que variam entre violão, gaita, cavaquinho, pandeiro, chocalho e a tradicional vareta de ferro, que dá um som estridente e bastante característico.

Os “ternos” tomam o nome da época em que são feitos, o que se dá quatro vezes por ano: na véspera de Natal (Terno do Galo ou de Natal), em a noite de 31 de dezembro (Terno de Ano Novo), na véspera de Santo Amaro e, raramente, na de São Sebastião.

Já há muito não mais se usam vestimentas uniformes para distinguir os cantadores do “terno”. Na Ilha, êste costume desapareceu completamente, bem como o fato pitoresco de se visitarem, a cavalo, as casas distantes. O nível de vida bastante baixo do nosso caboclo não lhe permite o luxo de comprar vestes especiais, para tais festejos. Contudo, quando não aparece alguma brincadeira de mau gosto (4), capaz de originar brigas e questiúnculas temos um espetáculo de rara beleza e simplicidade.

Ensaíadas as cantorias, os que compõem a farândula se deslocam em visita às casas onde irão cantar.

Ao chegarem, soltam as primeiras estrofes de apresentação, tais como esta:

Nós viemo (s) aqui canta (r)
Neste dia de Jesus;
O senhor dono da casa
Queira abrir a vossa luz (5).

Se o dono da casa se dispuzer a atender aos visitantes e abrir a porta, novas quadras são lançadas ao ar. Já são raros os versos descritivos, antes tradicionais, referindo-se à data homenageada. Geralmente expressam apenas o desejo de receber uma oferta; assim:

(4) — Houve tempo em que era comum, por galatice ou rivalidade, soprar buzina no terno.

A buzina é um corno de boi devidamente furado, que funciona como trompa de caça. É tradicional que o som da buzina num “terno” seja sinal de desacato.

(5) — “Abrir a luz”, cremos tratar-se de uma expressão que corresponde a acender o lampião. Note-se que no interior da Ilha, onde se colheram estas quadras, não há, via de regra, luz elétrica.

Aqui estamos em vossa casa,
Debaixo do seu beirado;
Mande abrir a vossa porta
Pelo seu nobre criado.

Porta aberta, luz acesa,
É sinal de alegria;
Mande entrar o nosso terno
Queira a nossa companhia.

No interior é comum, nessa altura, serem convidados os componentes do “terno” para tomar alguma cousa, continuando-se a cantoria dentro de casa.

A oferta que vós deste (s)
Foi dada de boa mente
O resto que lá fico (u)
Deus do céu que lhe acrescente.

Falta sòmente a despedida, cantada como saudação ao homenageado.

Meu senhor nos dê licença
De nós irmo (s) arretirá (r)
As noite (s) já são pequena (s)
Temos muito que anda (r).

II — PELO INTERIOR

O Estado de Santa Catarina, em seus 94.367 km² de território, apresenta uma população tão mista e tão heterogênea, quanto à sua etnia, que se torna impossível generalizar, para tôda ela, qualquer aspécto folclórico.

A população de origem alemã do Vale do Itajaí, por exemplo, ignora quase totalmente o que sejam as festas populares do litoral, onde predominou a colonização açoriana.

Para ilustrarmos, diremos que em Joinville se registraram as primeiras festas de nosso ciclo de Natal, depois que ali chegaram os soldados do 13 BC, na maioria oriundos dos Estados do Norte.

Entre a população de descendência italiana também quase não se nota assimilação desses costumes.

É, porém, extranho que o caboclo da Serra e do Planalto, descendente do bandeirante mameluco, não tenha entre seus costumes, os autos populares do ciclo de Natal. Tais divertimentos se tornaram privilégio da faixa litorânea e ali se deixaram ficar, possivelmente para morrer aos poucos, asfixiados pelas tendências da cultura e da vida moderna.

Nos municípios do litoral, desde São Francisco do Sul a Araranguá, nota-se absoluta semelhança entre o modo de se realizarem os ternos de Reis. Em alguns locais chamam-nos "ternos de rezes", usando-se de um solecismo que lhes dá duplo sentido. Também há casos em que se verifica verdadeiro sincretismo entre os elementos dos cacumbis às vezes conhecidos por reizados, e os dos "ternos".

Em geral, porém, a forma é sempre a mesma, o que se nota até nos versos usados. Exemplifiquemos com estas quadras: (6)

(6) — Os versos colhidos fóra do município de Florianópolis foram-nos enviados pelos Agentes Municipais de Estatística, que funcionam nas respectivas comunas.

CACHOEIRA DO BOM JESUS

(Ilha de Santa Catarina)

Os tres Reis por serem santos
Se puzeram a caminhá (r)
Foram dar consigo em Roma (7)
Antes do galo cantá (r)

BIGUAÇÚ

Os tres Reis que foram perto
Sairam a passeiá (r)
Foram chegar em Belém
Antes do galo cantá (r)

LAGUNA

Estes Reis por serem santos
Sairam a caminhá (r)
Foram chegar em Belém
Antes do galo cantá (r)

TUBARÃO (8)

Cantou o galo, nasceu Cristo
Não se avistou ninguém;
Respondeu uma ovelha:
Cristo nasceu em Belém

COQUEIROS

(Município de Florianópolis)

Canta o galo, nasceu Cristo
Não m'arrespondeu ninguém
Arrespondeu foi uma ovelha
Cristo nasceu em Belém.

(7) — É comum entre o povo do interior a confusão feita entre Roma e Belém, no que se refere ao nascimento de Cristo.

(8) — Colhida pelo Sr. Bento Águido Vieira.

IMARUÍ

Canta o galo nasce o Cristo
Não arrespondeu ninguém
Arrespondeu uma ovelha
Cristo nasceu em Belém.

COQUEIROS

(Município de Florianópolis)

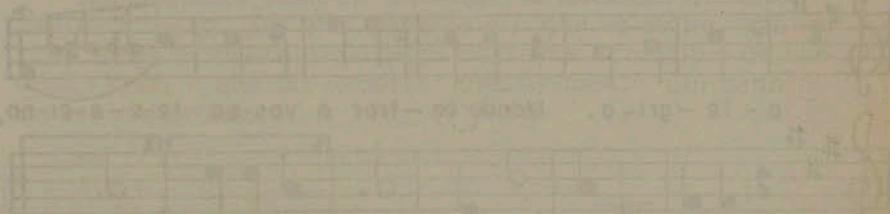
A oferta que tu deste
Dada de tão boa mente,
Lá no céu encontrarás
Uma mesinha de inocentes.

IMARUÍ

A oferta que tu deste
Dada de tão boa mente
Lá no ceu há de achar
Nós (so) Senhor que te apresente (9)

Com dados comparativos, podemos distinguir estes versos tradicionais daqueles feitos de improviso, bastante imperfeitos, porque sem os melhoramentos da lenta adaptação à melodia que o decorrer dos tempos produz.

(9) — Corruptela usada na aceção de presentear.



Também registamos o caso de adaptação de n.º mod. -
na das que estiveram em voga há anos atrás e que, pela la-
cidade natural do tratado coletivo, foram no tempo em que
a espontânea cantada, num tempo de este na ilha de Ca-
nhoeira do Bar. Jesus, município de Florianópolis, em de-
setembro de 1948.

III — A MÚSICA E OS VERSOS

Como já tivemos ocasião de observar em linhas atrás, a música tradicionalmente empregada nessas cantigas é simples, disposta em tessituras pequenas, porém de primitiva beleza, que em alguns casos provoca admiração.

Nota-se, é claro, a origem semi-erudita ou mesmo erudita de algumas dessas melodias, que se tornaram tradicionais. O sr. João Chrisóstomo Paiva, da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, informou-nos que a melodia cuja solfa abaixo anotamos foi ouvida por êle nas localidades de São Miguel (1910) e Barreiros (1935). Bastará olharmos para o desenho do 9º, 10º, 11º, e 12º compasso, para nos certificarmos da sua origem, evidentemente composição de algum dos musicistas, que há décadas atrás, se ocuparam dessas melodias, as quais, transmitidas de geração em geração, ainda se puderam conservar.

ALEGRETTO

For-ta a-ber-ta, luz a - ce - sa e si - nal de a-

a - le - gri - a. Mand e en - trar o vos - so te - e - e - er - no,

quei - ras nos - sa com - pa - nhia .

Também registramos o caso da adaptação de u'a modinha, das que estiveram em voga há anos atrás, e que, pela lapidação natural do trabalho coletivo, ficou na forma em que a encontramos, cantada num terno de reis na vila de Cachoeira do Bom Jesus, município de Florianópolis, em dezembro de 1949.

ALEGRETTO

Fi - i zes-te fi - zes-te a vos-sa ca-sa com a
fren-te com a fren-te) pro mar (sa)grado; A - no no(vo) Ano
No-vo te vi - si - ta Que não fos-te) que não fos-te vi-si-ta(do)

Há certas formas, cuja simplicidade é extrema, lembrando o canto-chão e que bastante impressionam, quando as ouvimos cantadas com as terminações características.

O professor Giovanni P. Faraco, Chefe da Divisão de Publicidade e Informações do DEE, que dirigiu uma pesquisa que fizemos, com o professor jubilado Sérgio Torquato Pereira, em o Norte da Ilha, estabeleceu uma indentificação entre determinado final de melodia do terno de reis e o início das "Lamentações do Profeta Jeremias" no ofício da Semana Santa.

É possível que tenha havido influência dos cânticos sacros na formação dessas antiquíssimas melodias; o texto não foi possível fixá-lo, devido a um fato curioso: os cantores foram incapazes de soletrar os textos que executaram num misto de nasalções e estridolências. O trecho identificado era contrapontado por terças maiores que aumentavam o efeito singular daquele arranjo.

Encontramos também melodias bastante semelhantes a cantos infantis. Um belo exemplo é a que se segue, colhida num terno de Santo Amaro, em Barreiros, município de São José (1948) e que faz lembrar, imediatamente, um conhecido canto de roda.

MODERATO

En - vi - a - dos de San - to A - ma(ro) Nós vi - e - mo(s) a -
qui can - ta(r) Em lou - vor do nas - ci - men(to)
nós vi - e - mo(s) a - qui can - ta(r)

As melodias que mais agradam são, no entanto, aquelas que se revelam verdadeiros acalantos. Parecem-nos as mais puras e as mais coerentes com as celebrações de Natal e Reis. Algumas encerram temas belíssimos, apenas prejudicados pela má interpretação geralmente dada, pois o canto, quase sempre anasalado, é tão estranho, que muita vez o registro fiel da solfa se torna tarefa difícilima e não raras vezes impossível.

A melodia escrita, a seguir, foi colhida no sub-distrito de Coqueiros, em a noite de 30 de dezembro de 1949, durante um ensaio do "terno" local.

MODERATO

Can-ta o ga-lo nas-ce o Cris-to não m'ar-res-pon-deu nin-
guém, ar-res-pon-deu u-ma o-ve-lha Cris-to
nas-ceu em Be-lém

Os versos, sempre estrofaados em quadras, são geralmente eptassílabos, rimados o segundo com o quarto e quase sempre em rima pobre.

Referem-se, alguns, às datas homenageadas, sendo sua tendência natural exprimir sentimentos dentro dos temas de apresentação, louvor, agradecimento e despedida.